



## GÊNERO E RAÇA SOB O VIÉS LITERÁRIO: UMA LEITURA DA CONDIÇÃO DAS AFROBRASILEIRAS<sup>1</sup>

Sandra Maria Job<sup>2</sup>

Desde os anos 80 do século passado, sob o véu de uma suposta “neutralidade”<sup>3</sup>, o termo gênero vem sendo usado para designar estudos acerca de mulheres. Tal vocábulo tem a intenção de substituir o substantivo *mujeres*, visto que este é tido como muito pessoal, intimista e direcionado. Por isso, naquele momento, pelo menos, o termo gênero pareceu “ajustarse a la terminologia de las ciencias sociales y se desmarca así de la (supuestamente esdrújula) política del feminismo”<sup>4</sup>. Mas no decorrer desses diálogos e teorias, o feminismo, segundo Butler, apontou um problema político no termo mulheres, visto que ele supõe a existência de uma identidade comum<sup>5</sup>. E supor uma identidade comum, pertinente e compatível a *todas* as mulheres, respaldando-se no fato de se viver em uma sociedade patriarcal *comum* a todas as mulheres é desconsiderar realidades históricas outras. Sendo assim, quaisquer termos cuja concepção remeta a mulheres, mesmo que no plural, deveria ser usado com ressalvas, porque “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”<sup>6</sup>. Isto, conseqüentemente, desabilita o termo gênero a suprir a diversidade política e cultural relacionadas ao diversificado público feminino.

Segundo Butler<sup>7</sup>, a ideia de um patriarcado universal está sendo criticado, pois ele não consegue explicar os mecanismos de opressão de gênero em contextos culturais nos quais essa opressão acontece. Por isso é preciso estar atento, pois

aunque muchas cuestiones dificultan una unificación total en el uso de esta categoría (gênero), creo que podemos distinguir entre dos usos básicos: el que habla de género refiriendo a las mujeres; y el que se refiere a la construcción cultural de la diferencia sexual, aludiendo a las relaciones sociales de los sexos.<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte dos resultados da minha pesquisa de doutorado.

<sup>2</sup> Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>3</sup> SCOTT, Joan, 1986, apud LAMAS, M. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “gênero”. México: UNAM, 1996, p.329.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 20.

<sup>6</sup> Id.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> LLAMAS, Marta, . Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “gênero”. México: UNAM, 1996, p. 331, (parêntese meu).



Contudo, gênero “refiriendo a las mujeres”, mas que mulheres? Construção cultural da diferença sexual de quem? Quando houve, se houve, uma construção cultural da diferença sexual, em tempos de escravidão? E mesmo após, qual exatamente é a diferença cultural entre o homem e a mulher negra? Em que moldes histórico, social e pragmático ela se realiza? A discussão não é tão simples, pois as raízes históricas não o permitem.

Sendo assim, é plausível e *sensato* (re)pensar em dois seres distintos vivendo no mesmo país, reivindicando um direito comum: ser mulher em um mundo criado por e para homens brancos. Depois disso, quaisquer reivindicações humanas, de gênero, social e política as distinguem, pois suas lutas advêm de uma base histórica distinta. O que a mulher negra busca tem ultrapassado as necessidades das mulheres brancas e não acontecem no mesmo plano temporal. Enquanto estas em séculos passados, por exemplo, proferiam discursos, escreviam ou saíam às ruas reivindicando seus direitos, pois eram pessoas letradas, mesmo que não fossem no mesmo nível dos homens naquele respectivo momento, a mulher negra, nesse contexto, ainda estava, e de certa forma ainda está, vivendo sob o jugo da escravidão imposta a todos os escravos e, posteriormente, aos ex-escravos que foram, segundo Florestan Fernandes deixados à própria sorte e com a missão de se (re)erguerem sozinhos na sociedade, nos moldes e padrões dos brancos<sup>9</sup>. Em outras palavras, eram analfabetas escravas e hoje são, na sua grande maioria, analfabetas funcionais e estão trabalhando nas senzalas pós-modernas<sup>10</sup>, salvo as raríssimas exceções.

Diante deste contexto, para alcançar uma sociedade sem hierarquia de gênero (e dentro do próprio gênero) requer sim, como propõe Gayle Rubin<sup>11</sup>, uma análise das causas da opressão das mulheres, visto que esta análise constitui a base de qualquer evolução do que teria que mudar para chegarmos a uma sociedade mais justa, mas requer também, principalmente em termos de Brasil, “uma análise das causas da opressão de mulheres” brancas, negras, indígenas..., visto que cada uma delas sofreu e sofre uma opressão muito particular e intransferível.

Partindo, portanto, da constatação de que o contexto histórico, social, econômico da mulher negra e da branca têm distinções, volto-me agora para as obras *Úrsula* (2004); *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006); *As mulheres de Tijucopapo* (1982), *O lago encantado de Grongonzo* (1992) e *Obsceno abandono: amor e perda* (2002), de Maria Firmina dos Reis,

<sup>9</sup> FERNADES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

<sup>10</sup> Chamo de senzalas pós-modernas o local no qual as mulheres negras na sua grande maioria ainda habitam/trabalham como domésticas: as casas de família.

<sup>11</sup> RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine R. (compiladoras). *¿Qué son los estudios de mujeres?* Argentina: TEZON TLE, 1998, p. 15 (tradução minha).



Conceição Evaristo e Marilene Felinto, respectivamente, para (re)pensar, então, quem é, como está e onde está a mulher negra no contexto social e literário no Brasil, através da representação literária das personagens nestas obras.

Quanto às escritoras Maria Firmina dos Reis (século XIX); Conceição Evaristo e Marilene Felinto (final do século XX e início do XXI), elas têm mais em comum do que o sexo, o gênero e a raça: são escritoras afrodescendentes em cujos textos há uma representação literária da mulher negra que possibilita uma leitura além da literatura, isto é, é possível ler através destas obras, entre outros aspectos, a vida social, humana, econômica e política das afrodescendentes dentro da sociedade brasileira. Todas elas trazem implícito nas suas ações, nos seus discursos a representação de uma mulher negra consciente do seu estar e ser no mundo. Contudo, cada personagem vai vivenciar isso de uma determinada forma. As personagens Susana e a escrava, ambas de Maria Firmina dos Reis, assim como Ponciá Vivêncio de Evaristo *são* e *estão* representadas na narrativa como pessoas conscientes da sua pouca (ou nada) valorização na sociedade. Por isso, *são* pessoas introspectivas, tristes, possuidoras de uma revolta contida. Entretanto, *estão*, cada uma a seu modo e possibilidades, tentando reverter a sua condição enquanto mulher e mulher negra, exceto Susana. Contudo, o invisível ‘sistema’ as aniquila ao longo da caminhada. Nesse ponto, a questão temporal agirá sobre o destino de cada uma dessas personagens. O tempo histórico-social de Conceição Evaristo permitirá a suas personagens sonhar, ter esperança. Em Ponciá Vicêncio, “porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino”<sup>12</sup>.

A mesma sorte, entretanto, não cabe à Susana e a escrava, pois o contexto-histórico das mesmas não primava pelos sonhos dos escravos, exceto o de uma remota liberdade. Por isso, no contexto social do século XIX no qual está inserida a obra *Úrsula* e o conto “A escrava”, o visível sistema escravocrata vence, aniquilando quaisquer possibilidades de ser e estar para as personagens Susana e a escrava Joana. À primeira coube uma “escura e úmida prisão” onde a deixaram “entregue aos vermes, à fome e ao desespero”<sup>13</sup> até morrer, sem ter cometido crime algum, exceto o de ser negra e pobre em pleno século XIX, não tendo, desta forma, direito à voz e defesa contra a tirania de uma sociedade escravocrata/branca. Mesmo fim teve a escrava Joana, porém mais ousada, porque “antes que a morte (lhe) cerre os lábios para sempre”<sup>14</sup> ela pede para falar, pois quer

<sup>12</sup> EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Ed., 2003, p. 103.

<sup>13</sup> REIS, M. F. *Úrsula*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004, p. 225.

<sup>14</sup> REIS, M. F. A escrava. In: *Úrsula*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004, p. 257.



“morrer amaldiçoando os (seus) carrascos”<sup>15</sup>. A condição do escravo é tão ingrata, opressiva que nem a morte aqui pode ser considerada como uma salvação ou esperança. Na verdade é uma situação cíclica a deles. Nesta situação, morto é estar sem vida e sem vida vai equivaler a estar morto e estar morto a não ter vida e assim sucessivamente.... Em qualquer situação ele não vive. Não vive enquanto escravo, não tem vida se está morto.

Ainda nesse contexto de ser e estar no mundo, observa-se nas meninas de Felinto, por sua vez, uma evolução nas personagens. Esta evolução ocorre em duas ocasiões. A primeira é notada quando comparamos as personagens de Maria Firmina e Evaristo com as de Felinto. A segunda é quando comparamos as personagens da própria Marilene Felinto: *As mulheres de Tijucopapo*; *O lago encantado* e *Obsceno abandono*. Em outras palavras, n’*As mulheres de Tijucopapo*, Rísia conscientemente sabe que é prisioneira de um passado e, por isso, *está* em busca de si, de respostas. Com os olhos voltados para o passado, ela o desnuda, tenta ‘matá-lo, visto que ele não lhe serve de nada. Deisi, n’*O lago encantado*, é “uma mulher completa – mentirosa e ruim [...]”<sup>16</sup> e está sem “interesse em esmiuçar um pedaço de passado que organizasse em linha a história de sua vida”<sup>17</sup>. Nesta o passado tem relevância, mas ela não quer revivê-lo e “pra não sentir saudade, virava bicho, em g de grande ganso, a ave que voa mais alto para onde”<sup>18</sup>. Já “Dona Baratinha”/“Maria doidinha”, em *Obsceno abandono*, é e está “só”<sup>19</sup>. Portanto, de Rísia a “Dona Baratinha”, personagem da última obra, há um crescimento psicológico da personagem em relação a apegos, lembranças passadas. Se o passado em Rísia é a causa de toda sua infelicidade e percurso dentro da narrativa, o mesmo vai acontecer com Deisi, mas de forma mais amena. Já com “Dona Baratinha” o passado não tem nenhuma influência no tempo presente da narrativa.

Ao comparar as personagens de Felinto com as de Maria Firmina e Evaristo, notar-se-á que o olhar voltado para o passado também se encontra nas personagens dessas duas últimas escritoras, mas se nestas o passado é usado como fonte de onde elas absorvem a força para prosseguir, para ir ao encontro do futuro, para Rísia ele também o é, contudo é algo do qual ela quer se libertar. E se liberta, pois n’*O lago encantado*, o passado é algo indesejável, pois o “passado era uma vergonha. Tempo demais”<sup>20</sup>, por isso, “que precisão tinha? O passado era uma vergonha. Era. Um ninho de

---

<sup>15</sup> *Idem*

<sup>16</sup> FELINTO, M. *O lago encantado de Grongonzo*. R.J.: Imago, 1992, p. 14.

<sup>17</sup> FELINTO, M. *O lago encantado de Grongonzo*. R.J.: Imago, 1992, p. 41.

<sup>18</sup> FELINTO, M. *O lago encantado de Grongonzo*. R.J.: Imago, 1992, p. 130.

<sup>19</sup> FELINTO, M. *Obsceno abandono: amor e perda*. R.J.: Record, 2002, p. 11.

<sup>20</sup> FELINTO, M. *O lago encantado de Grongonzo*. R.J.: Imago, 1992, p. 19.



ratos”.<sup>21</sup> Já em *Obsceno abandono: amor e perda*, a narrativa se prende ao presente e se quer resolvida no presente.

Seja com o olhar voltado para o passado ou preso no presente, a solidão é a companheira de todas estas personagens. Esta solidão é determinante para a condição do “entre mundos”,<sup>22</sup> no qual trafegam as personagens, principalmente quando estas personagens são de uma classe social e intelectual mais elevada. Devido à questão de classe, portanto, a solidão estará presente de forma mais relevante nos textos de Conceição Evaristo e Marilene Felinto. Desnecessário explicar o porquê da ausência desse novo item ‘excluidor’ na literatura de Maria Firmina, no século XIX, em pleno sistema escravocrata. Porém a condição de escrava não impediu, muito pelo contrário, acabou colocando Susana e a escrava Joana em uma espécie de entre mundos, se parássemos para analisar. Contudo, a pretensão é focar àquelas que, de uma forma ou outra, são obrigadas a se enxergarem enquanto mulheres negras, algo que não existe nas personagens de Maria Firmina dos Reis, pois escravo não era gente... muito menos mulher.

São vários os fatores a contribuir para a condição solitária dessas personagens. Uma delas diz respeito ao padrão de beleza socialmente estabelecido e ao qual a mulher negra não corresponde devido ao tal fenômeno (hegemonia da branquidão) que vem instituindo a mulher negra como a antimusa da sociedade brasileira, dando-lhe uma acentuada desvantagem, entre outras coisas, no mercado afetivo o que caracteriza uma situação de solidão estrutural motivada pelo desinteresse dos homens brancos e pela deserção de grande parte dos homens negros<sup>23</sup>.

Desta forma a acusação de Carneiro, citada acima, vem ao encontro da situação de Ditinha<sup>24</sup>, doméstica e analfabeta funcional que ao pensar nas belas roupas, jóias e nos bonitos sapatos da patroa, olhou-se no espelho e se sentiu “tão feia, mais feia do que normalmente se sentia”,<sup>25</sup> pois sugestionada pela visão do outro (no caso a sua patroa branca), ao se olhar no espelho enxergou-se com os olhos do outro. Em outras palavras, a beleza que via na patroa a cegou para quaisquer aspectos belos que trazia em si, pois não viu refletido no espelho nada que assemelhasse a beleza alva da patroa. Daí a constatação de ela não ser o modelo de beleza, pois não possuía nada do que a patroa tinha tanto física quanto materialmente. Ao se defrontar com essa ‘verdade’ socialmente introjetada, sentiu-se menor e desejou roubar, no sentido metafórico e literal do termo, um pouco

<sup>21</sup> FELINTO, M. *O lago encantado de Grongonzo*. R.J.: Imago, 1992, p. 27.

<sup>22</sup> Expressão usada por SAID, Edward. *Entre mundos*. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>23</sup> CARNEIRO, Gênero, democracia e sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, S.G. (orgs.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 2002.2002, p. 74.

<sup>24</sup> Personagem do livro *Becos da memória*, de Conceição Evaristo.

<sup>25</sup> EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Ed., 2006, p. 93.



da beleza física e material da patroa, por isso, “colocou a caixinha de jóias na terceira prateleira; mas, antes, porém, apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave, que até parecia macia.[...]. Ditinha colocou o broche no peito, só que do lado de dentro do peito [...]. A pedra não era tão macia assim, estava machucando-lhe o peito”<sup>26</sup>. Machucava porque, primeiro não era da sua índole apropriar-se de coisas alheias e, segundo, “Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha”<sup>27</sup>. Devido a essas desigualdades afetivas e, principalmente, por saber não corresponder ao padrão de beleza pré-estabelecido é que, por outro lado, “Maria Doidinha”<sup>28</sup> curva-se (único momento) sob o peso de conceitos físicos e não foge à indagação: “quem fará o favor? Quem fará o favor de olhar para a minha cara feia? Quem fará o favor de apaixonar-se por mim?”<sup>29</sup>, pois sabe não ter o padrão de beleza estabelecido e sabe que isso é, pelo menos, uma das causas da sua solidão.

Se a solidão é uma presença constante, com ou sem a presença de um homem ao lado dessas mulheres, outro aspecto também se torna relevante: as relações entre homens e mulheres nas literaturas afrodescendentes discutidas aqui. Não existe em nenhuma delas a presença de um patriarcalismo nos moldes e padrões do homem branco, ocidental, classe média/alta. Além disso, o homem negro (e branco, exceto no século XIX, claro) se relaciona com a mulher em um mesmo nível de igualdade. Em *Úrsula* e no conto “A escrava”, por exemplo, Túlio e Susana e a escrava Joana e seu filho por serem negros e escravos e, conseqüentemente, estarem no mesmo nível de igualdade humana, tratam-se e se respeitam como iguais. Na verdade, os meninos aqui mais respeitam do que são respeitados, pois Túlio respeita Susana a quem considera como mãe, devido à idade da mesma. O mesmo acontece com o filho da escrava Joana. São as mulheres que desempenham o papel de ‘protetoras’.

A mesma situação ocorre em Evaristo e Felinto, onde os homens são relevantes, contudo elas são mais. Isso tudo não implica em dizer que as questões de gênero não perpassam as narrativas trabalhadas aqui, pois elas perspassam. Contudo, é diferente, por exemplo, da questão de gênero observado nas narrativas de Clarice Lispector, Nélide Piñon e, absurdamente, distante do que existe em Lya Luft. Essa diferença se dá, principalmente porque “para os homens que (as personagens negras aqui estudadas) conheceram a vida era tão difícil quanto para a mulher”<sup>30</sup>. E esse fato os

<sup>26</sup> EVARISTO, C. *Becos da memória*. B. H.: Mazza Ed., 2006, p. 99.

<sup>27</sup> EVARISTO, C. *Becos da memória*. B. H.: Mazza Ed., 2006, p.94.

<sup>28</sup> Personagem do livro *Obsceno abandono: amor e perda* de Marilene Felinto.

<sup>29</sup> FELINTO, M. *Obsceno abandono: amor e perda*. R.J.: Record, 2002, p. 80.

<sup>30</sup> EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. B. H.: Mazza Ed., 2003, 54.



deixa, sob certos aspectos, mais próximos, porque a pobreza, assim como o ódio, “menino, ódio é fogo”<sup>31</sup>; a pobreza e a raça também são.

É um fogo (o da pobreza e da raça) cujas chamas atravessam séculos, lançam cinzas e mantém aceso o calor incômodo da desigualdade, das injustiças. Maria Firmina dos Reis lançou palavras sobre ele, apontando a lenha que o mantinha vivo: a escravidão. Nos rastros dela vieram Conceição Evaristo, Marilene Felinto e outras cujas vozes não foram ouvidas nesta pesquisa. Das vozes ouvidas aqui as poucas dissonâncias advêm da distância histórica e temporal, como não poderia deixar de acontecer. Contudo, as ressonâncias têm desafiado o tempo, a distância e as tentativas de acertos-erros-acertos do homem ao longo dos tempos, mantendo acesa a marginalização da mulher negra e, atualmente, também à margem da afetividade: na solidão. E quando falo de solidão, estou ciente do individualismo<sup>32</sup> egocêntrico característico da contemporaneidade, mas não estou me reportando a está, muito embora aquela e esta possam coabitar juntos.

Diante de todos os aspectos expostos aqui e devido a algumas dissonâncias, para uma melhor compreensão da mulher negra na sociedade e na própria literatura, poder-se-ia separar sua passagem história, literária, social e humana em três fases cujas características são distintas: primeira fase, a da anulação; segunda, *neo* anulação e, terceira, a fase da in-clusão. A fase da anulação na qual Maria Firmina dos Reis e seus textos estão inseridos diz respeito ao período no qual a mulher negra enquanto escritora ou enquanto personagem não tinham quaisquer atenções ou consideração na sociedade brasileira. Sua existência era um fato nulo, indiferente porquanto não valiam nada, por isso não é nem possível compará-las aos animais, pois estes tinham um grande valor monetário e muitas vezes até afetivo. Já na segunda fase, período que compreenderia o início dos anos 1900 até 1960/70, a situação social da mulher negra não mudou sobremaneira. Mas agora existe uma anulação distinta da primeira, pois *elas* existem enquanto pessoa humana, porém é uma existência ‘real’ na medida em que sua presença pode servir à sociedade enquanto mão de obra, visto que a mesma é tida como boa e necessária para os serviços domésticos. A outra forma de a sociedade perceber a existência da mesma e quando a sua presença, por um motivo ou outro, torna-se incômoda sob quaisquer aspectos para esta sociedade. Sendo assim, neste momento esta fase poderia ser chamada de *neo* anulação, pois embora ‘vistas’, essa visibilidade não chegou além das mãos, braços e pernas: instrumentos necessários para a realização dos serviços da casa nem tão grande, porém nem por isso menos senzala. Tudo isso, portanto, colocaria a mulher negra em um

<sup>31</sup> FELINTO, M. *As mulheres de Tijucoapapo*. R. J.: Imago, 1982, p. 22.

<sup>32</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



contexto no qual existe sim a anulação da sua pessoa enquanto indivíduo, cidadã, mas que se realiza sob condições sociais distintas, porém não muito melhor que a primeira.

Em relação à terceira fase, é preciso considerar a proximidade da mesma como um elemento complicador, pois falta um distanciamento que proporciona uma certa neutralidade a qualquer julgamento e a possibilidade de uma visão mais abrangente do todo. Contudo, nesta fase, na qual Conceição Evaristo e Marilene Felinto estão inseridas, é possível lançar algumas assertivas. Uma delas diz respeito ao próprio período onde *anulação*, *intolerância*, por exemplo, são pensamentos e atitudes a não serem praticados porque já há algum tempo, por exemplo, segundo Candido, existe em relação ao pobre uma nova atitude, que vai do sentimento de culpa até o medo e o negro não tem sido mais tema predileto das piadas, porque a sociedade sentiu que eles podem ser um fator de rompimento do estado de coisas, e o temor é um dos caminhos para a compreensão.<sup>33</sup> Porém, creio não ser somente o temor o elemento a ser considerado nesse novo panorama das relações sociais. Lembranças de um passado sangrento, desumano na história da humanidade contribuem para as mudanças de hoje, isto é, a sociedade contemporânea tenta remendar e não repetir erros passados. De qualquer forma, neste contexto surgiu uma certa (ou pseudo) abertura para nós mulheres negras. Certa ou pseudo porque para alcançar esta abertura estas mulheres ainda encontram muitas dificuldades tanto de ordem econômica quanto de gênero e raça dentro da sociedade. Contudo, a mulher negra neste terceiro momento está (re)escrevendo sua história na literatura e sociedade brasileira. Esta (re)escrita mostra que a trajetória entre a margem até o centro ou suas proximidades é lenta, pois a ‘abertura’ muitas vezes se confessa utópica ou se revela como uma miragem. Por isso, a forma encontrada para atravessá-la se resume a ir ‘comendo pelas beiradas’, isto é, ir buscando mecanismos de sobrevivência alternativos para atingir os objetivos. Neste processo ainda árduo, dada as muitas adversidades seculares, a mulher negra vai realizando a sua inclusão na literatura enquanto autora e objeto da sua própria história e na sociedade.

Quanto a estas literaturas, algumas delas fazem parte desse estudo e mesmo sendo literaturas distintas quanto ao período literário e estilo das diferentes escritoras, seus discursos ultrapassam as barreiras temporais e revelam um legado entremeados de ressonâncias, denunciando o quanto e como gênero, raça e classe têm conduzido a vida das mulheres negras. E se estas ressonâncias têm invadido os séculos, insistir, portanto, nos aspectos racistas, discriminatórios, machistas... que envolvem as relações de gênero e raça e, conseqüentemente, classe no Brasil,

---

<sup>33</sup> CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.1995, p. 238.



desmascarando o processo da pseudo simbiose de estudos de gênero, ainda é a única forma possível de reverter o legado que o tempo deixou (estereótipos depreciativos) e no qual coloca a mulher negra em uma exclusão profissional, afetiva e social ‘forçada’.

### *Bibliografia*

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.1995, p. 238.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, democracia e sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, S.G. (orgs.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. Identidade feminina. In: HELEIETH, I.B.; SAFFIOTI, Mônica Muñoz. (orgs.) *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1994.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2006.
- FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucoapapo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O lago encantado de Grongonzo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Obsceno abandono: amor e perda*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.
- LAMAS, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “gênero”. In: LAMAS, Marta. (Org). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: Pueg/UNAM, 1996.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2004.
- RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre La “economía política” del sexo. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine R. (compiladoras). *¿Qué son los estudios de mujeres?* Argentina: TEZON TLE, 1998.